

Do Monte ao Vale

“Este é o meu Filho amado. Escutem o que ele diz!” — Marcos 9.7 · NAA (NAA)

Bispo Ildo Mello Leitura prévia: Mc 9; Êx 24.12-18; 2Pe 1.16-18

PARA COMEÇAR

As perguntas que nos guiam

Um monte com glória em cima e um vale com tormento embaixo — e discípulos em ambos, sem entender direito nem um nem outro.

Por que a Transfiguração?

O que Deus quis mostrar — e a quem — naquele monte alto, seis dias depois do anúncio da cruz?

O que o Sinai tem a ver com isso?

Nuvem, glória, voz, seis dias, Moisés: a cena repete deliberadamente o Êxodo. Para quê?

E quando a fé é fraca?

“Creio! Ajuda-me na minha falta de fé” (Mc 9.24). Essa oração honesta foi atendida — e ensina mais do que parece.

MC 9.2-8

Do Sinai ao monte da Transfiguração

Marcos constrói a cena com as cores do Êxodo, para que ninguém perca a conexão.

“Seis dias depois” (Mc 9.2) — como a glória do Senhor cobriu o Sinai por seis dias antes de Deus chamar Moisés ao sétimo (Êx 24.16). Jesus toma consigo três testemunhas, Pedro, Tiago e João — como Moisés subiu acompanhado de Arão, Nadabe e Abiú (Êx 24.1, 9). Uma nuvem cobre o monte e dela sai a voz de Deus (Mc 9.7) — como a nuvem da glória de onde o Senhor falava a Israel (Êx 24.15-18; 19.9). E no monte aparecem Moisés e Elias (Mc 9.4): a Lei e os Profetas, os dois homens que, no Antigo Testamento, encontraram Deus no Horebe (Êx 33.18-23; 1Rs 19.8-13), agora conversando com aquele de quem a Lei e os Profetas falavam (Lc 24.27).

NO SINAI

Glória refletida

O rosto de Moisés resplandecia por ter estado com Deus — um brilho emprestado, que desvanecia e precisava de véu. Êx 34.29-35; 2Co 3.7, 13

NA TRANSFIGURAÇÃO

Glória própria

Jesus não reflete: ele resplandece. “As suas vestes tornaram-se brilhantes, extremamente brancas” (Mc 9.3) — a glória que ele tinha junto ao Pai antes que o mundo existisse.

Jo 1.14; 17.5; Hb 1.3

Pedro, sem saber o que dizer, propõe três tendas — como quem quer fixar residência na glória e nivelar Jesus a Moisés e Elias (Mc 9.5-6). A resposta do céu corrige com ternura e majestade: a nuvem os envolve e a voz declara: “Este é o meu Filho amado. Escutem o que ele diz!” (Mc 9.7). E, erguendo os olhos, “não viram mais ninguém, senão só Jesus” (Mc 9.8). Moisés e Elias se retiram como servos que concluíram o turno: a Lei e os Profetas apontavam para ele (Dt 18.15 — “o Senhor, seu Deus, fará com que surja do meio de vocês um profeta semelhante a mim; a ele vocês ouvirão”). Ficou só Jesus. É sempre este o alvo de toda verdadeira experiência com Deus: não viram mais ninguém, senão só Jesus.

E o momento da cena importa: a Transfiguração acontece seis dias depois do primeiro anúncio da cruz (Mc 8.31) e da promessa de que alguns ali não provariam a morte sem ver o Reino vindo com poder (Mc 9.1). A glória do monte não cancela o caminho da cruz — confirma-o. O Pai mostra aos três que aquele que vai morrer em Jerusalém é o seu Filho amado; a cruz não será um acidente, mas a obra do Rei da glória. Pedro nunca esqueceu: “fomos testemunhas oculares da sua majestade... quando lhe foi dirigida, pela Glória Magnífica, esta voz” (2Pe 1.16-18).

MC 9.14-29

No vale: a oração fraca e poderosa de um pai

Não se pode morar no monte. Ao descer, Jesus encontra uma multidão em alvoroço, escribas discutindo, discípulos derrotados — e um pai desesperado.

O filho sofria desde a infância com um espírito que o lançava no fogo e na água “para o destruir” (Mc 9.22) — de novo o alvo do ladrão: destruir (Jo 10.10). Os nove discípulos que ficaram no vale tentaram expulsá-lo e não conseguiram (Mc 9.18). O pai, então, apresenta a Jesus um pedido ferido de dúvida: “Se tu podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos”. Jesus devolve a condição ao lugar certo: “Se podes? Tudo é possível ao que crê” (Mc 9.22-23). O problema nunca esteve no poder de Cristo, mas na fé de quem pede.

E aqui vem uma das orações mais honestas e mais atendidas da Bíblia: “Creio! Ajuda-me na minha falta de fé” (Mc 9.24). Repare: o pai não fingiu uma fé que não tinha, nem desistiu por causa da fé pequena que tinha. Trouxe a Jesus, ao mesmo tempo, a sua fé e a sua incredulidade — e isso bastou. Jesus não exige fé perfeita para agir; exige fé verdadeira, ainda que do tamanho de um grão de mostarda (Mt 17.20). O menino foi liberto, tomado pela mão e erguido (Mc 9.27) — o mesmo gesto com a sogra de Pedro e a filha de Jairo: Jesus levanta os que o mal derrubou.

Em casa, os discípulos perguntam por que falharam, e a resposta é uma aula inteira em uma frase: “Esta casta não pode sair de outro modo, senão por meio de oração” (Mc 9.29). Eles tinham recebido autoridade (Mc 6.7) e já haviam expulsado demônios (Mc 6.13) — mas autoridade recebida ontem não substitui comunhão cultivada hoje. Foram derrotados no vale porque andavam vazios do monte. É o método de Mc 3.14 outra vez: estar com ele, antes de ser enviado.

MC 9.30-50

No caminho: quem é o maior?

Jesus anuncia pela segunda vez a cruz — e os discípulos, no mesmo caminho, discutem quem é o maior.

“O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e o matarão; mas, três dias depois, ele ressuscitará” (Mc 9.31). Eles não compreendem e temem perguntar (Mc 9.32); em vez disso, discutem posições. Chegando a Cafarnaum, Jesus pergunta sobre o que discutiam pelo caminho — e o silêncio deles é a confissão (Mc 9.33-34). Então o Mestre se assenta, chama os Doze e inverte a lógica do mundo: “Se alguém quiser ser o primeiro, que seja o último de todos e servo de todos” (Mc 9.35). E coloca uma criança no meio deles, toma-a nos braços e diz que receber um pequenino em seu nome é receber a ele próprio (Mc 9.36-37): no Reino, a grandeza se mede pelo cuidado com quem não pode retribuir.

O capítulo fecha com advertências severas contra o escândalo dos pequeninos e contra a mão, o pé e o olho que fazem tropeçar (Mc 9.42-48). O Senhor usa linguagem deliberadamente forte — melhor entrar na vida mutilado do que ir inteiro para a Geena — para ensinar que o pecado deve ser tratado com cirurgia, não com negociação. A Geena, o vale de Hinom, era símbolo do juízo final; sobre a natureza exata desse juízo os cristãos fiéis têm lido as imagens do fogo e do verme (Mc 9.48; Is 66.24) de modos diferentes, mas a advertência de Jesus é unívoca: o juízo é real, sério e evitável — e evitá-lo vale qualquer renúncia.

Síntese da aula: a glória do monte existe para sustentar a fidelidade no vale. Quem viu o Filho amado e o escuta desce a montanha para servir: orando como quem depende, crendo como quem ainda aprende, e medindo grandeza com a régua da criança no colo do Mestre.

Citações bíblicas: Nova Almeida Atualizada (NAA), salvo indicação em contrário. Curso completo, com avaliação interativa e cartões de memorização, em metodistalivre.org.br/licoes